

<http://dx.doi.org/10.14393/REPRIM.issn.2526-2106.v2n4a2017-05>

Sobre o espaço: noções gerais a partir de Aristóteles e Henry More

Wagner Lafaiete Oliveira Júnior*

Danilo Borges Medeiros**

Resumo: O presente artigo visa apresentar uma exposição crítica a respeito das noções de Espaço fundamentadas a partir da relação estabelecida entre o pensamento de Aristóteles e Henry More. Tal relação buscará, além de pontuar criticamente a exposição de cada um dos pensadores, uma análise crítica acerca destas duas distintas compreensões que se mostram fundamentais para a construção de uma teoria do conhecimento. Em um primeiro momento será discutido conceitos fundamentais que estruturam a noção de espaço enquanto uma teoria do lugar em Aristóteles, para, então, contrapor com o pensamento de More e sua noção de mundo indeterminado e infinito.

Palavras chave: Espaço. Aristóteles. Henry More. Universo.

Abstract: The present article aims to present a critical exposition about the notions of Space based on the relation established between the thought of Aristotle and Henry More. Such a relationship will seek, in addition to critically scoring the exposure of each of the thinkers, a critical analysis about these two distinct understandings that are fundamental for the construction of a theory of knowledge. In a first moment we will discuss fundamental concepts that structure the notion of space as a theory of place in Aristotle to then counter with the thought of More and his notion of indeterminate and infinite world.

Key Words: Space. Aristotle. Henry More. Universe.

A compreensão de Universo segundo a teoria do lugar de Aristóteles

Neste primeiro momento se discutirá uma compreensão crítica acerca da noção de Espaço levando em consideração os oito primeiros capítulos da obra *Sobre o Céu* de Aristóteles. Nesta obra, o filósofo apresenta sua teoria astronômica através de um tratado cosmológico, apoiando-se na observação do mundo. É importante destacar que esta observação (εμπειρία), que fundamentará a posição aristotélica, não se preocupará com a

* Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília (2009). Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em educação de Filosofia no Ensino Fundamental e Médio. E-mail: oliveirajunior.wl@gmail.com.

** Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia. Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília (2009). Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em educação de Filosofia no Ensino Fundamental e Médio. E-mail: danilocss@hotmail.com

validação no sentido da experimentação, mas em construir uma Cosmologia racional de um Universo fechado (finito) que tenta situar o homem no interior de uma totalidade.

A primeira concepção é de Espaço como lugar (v.), como posição de um corpo entre outros corpos. Nesse sentido, o Espaço é definido por Aristóteles como "o limite imóvel que abraça um corpo" (Fís., IV, 4, 212 a 20), definição que Aristóteles reconhece idêntica ao conceito platônico que identificava Espaço e matéria (Tim., 52 b, 51 a). Segundo esse conceito, não haverá Espaço onde não houver objeto material; por isso, a tese principal dessa teoria do Espaço é a inexistência do vazio (cf. ARISTÓTELES, FÍS., IV, 8, 214 b 11). (ABBAGNANO, 2007, p.348)

Com o objetivo de construir uma Cosmologia racional a partir da observação do mundo sublunar (Terra) e supralunar (Céus), Aristóteles delimitará inicialmente uma compreensão acerca da Ciência da Natureza, a qual diz respeito aos corpos e grandezas (que possuem corpo e grandeza), às mudanças e aos movimentos destes e, por fim, aos princípios desse tipo de substância (princípios das coisas detentoras de corpos e grandezas). Recuperando a tradição do pensamento grego e, aqui, especialmente o pensamento pitagórico, o filósofo irá afirmar que o corpo é uma grandeza completa, composta de três dimensões (linha, superfície e volume) e possui movimento, porém é limitado por dividir o espaço com outros corpos.

Corpos tidos como partes do todo são, por força de nosso argumento, individualmente completos, isto é, cada um deles possui todas as dimensões. Contudo, devido ao contato com a parte contígua, são individualmente limitados, o que produz, num certo sentido, para cada um desses corpos uma multiplicidade. Mas o todo do qual são partes é necessariamente completo e tem, como indicado pelo nome, que o ser totalmente, e não, num aspecto, ser completo, e num outro, não. (ARISTÓTELES, 2014, p.44)

Esta limitação, mencionada enquanto pressuposto pelo filósofo, corresponde diretamente à ideia de não haver o vazio e, portanto, o todo é ser completo. Se os corpos que possuem grandezas são perfeitos por possuírem as três dimensões, logo o todo será uma delimitação dimensionada dos corpos. É importante frisar que o fato do todo ser completo não implica que ele seja homogêneo, uma vez que, em Aristóteles, os lugares e os movimentos de cada coisa são distintos.

Nota-se aqui um elemento importante da cosmologia grega, na qual a ideia de finitude corresponde ao perfeito, acabado, sendo possível de ser pensado e, no caso de Aristóteles, de ser feita uma cosmologia. Já o infinito, associa-se ao que é imperfeito e, por isso, incompleto e não sendo possível de ser empiricamente explicado. Outra inferência possível de se fazer a respeito da finitude do Universo em Aristóteles se dá pelo

pressuposto de que, se todos os corpos são limitados tridimensionalmente, e se cada corpo, composto por uma substância, ocupa o seu lugar, então o vazio não é possível e o Universo é, portanto, finito.

Assim, é preciso compreender melhor a natureza dos corpos e dos movimentos para então tornar mais clara a natureza do “todo”. Segundo o filósofo “[...] todos os corpos naturais e grandezas são capazes de movimento próprio no espaço”. (Aristóteles, 2014, p.45) E todo o movimento no lugar divide-se em três: é ou retilíneo, ou circular ou uma associação de ambos. Vejamos:

O movimento circular é aquele em torno do centro, o movimento retilíneo ascendente e descendente. Entendo por ascendente o movimento que se distancia do centro (centrífugo), e por descendente aquele que se dirige ao centro (centrípeto). Infere-se que todo movimento simples no espaço é necessariamente centrífugo, ou centrípeto, ou em torno do centro. Isso parece ajustar-se coerentemente ao nosso discurso inicial, ou seja, que a completude do corpo estava no número três, o mesmo ocorrendo com seu movimento. (ARISTÓTELES, 2014, p.45)

Na sequência da exposição cosmológica de Aristóteles, problematizam-se duas questões centrais: a Terra ser o ponto referencial do universo; e a correspondência de cada movimento aos seus respectivos planos a partir da natureza dos corpos.

A Terra ocupa um lugar de destaque na cosmologia aristotélica, a julgar-se pela constatação de que a mesma é imóvel e de que todos os corpos celestes giram ao seu redor. Esta imobilidade da Terra parte da observação de que, ao se lançar um objeto para cima, este retorna, rigorosamente, ao mesmo lugar de onde havia partido. Se, por outro lado, a Terra estivesse em movimento, isto não aconteceria, porque, enquanto o objeto estivesse no ar, a Terra se deslocaria e, desta forma, o objeto cairia num ponto afastado em relação àquele do lançamento.

A conclusão é que é natural ser rumo a este mundo que as porções de terra num outro mundo se movem centripetamente, como o é para o fogo nele mover-se para o extremo deste mundo. Isso, todavia, é impossível, pois se assim fosse, a terra teria que se mover em seu próprio mundo ascendentemente, e o fogo centripetamente. Do mesmo modo, a terra deste mundo se moveria, conforme a natureza, centrifugamente ao se mover em direção do centro de um outro, em razão de uma suposta reciprocidade dos mundos. Somos obrigados a escolher entre duas alternativas: ou negamos a identidade de natureza dos corpos simples dos vários mundos, ou a admitimos, sendo forçados a conceber a unidade do centro e do extremo; assim sendo, é impossível existir mais mundos do que um. (ARISTÓTELES, 2014, p.71)

Ainda sobre a Terra (sublunar), lugar das coisas corruptíveis, os elementos que constituem a natureza do movimento de cada coisa podem ser classificados em terra, água, ar e fogo, considerando a ordem do pesado ao leve, respectivamente. Os movimentos neste plano serão limitados por sua vez ao ascendente e descendente. Exemplo: o elemento que compõe a terra é o terroso, e este por sua vez, sempre busca o centro, pois é pesado, ao passo que o fogo tende a elevar-se a partir do centro da Terra.

Desse modo, se, como afirmam alguns, o [corpo] assim movido é o fogo, esse movimento é tão natural em relação a ele quanto o é o descendente, pois é perceptível que o movimento do fogo é retilíneo e centrífugo. O raciocínio com base em todas nossas considerações nos conduz à convicção de que existe algum outro corpo diferente e dissociado de todos os que nos circundam, e que o caráter mais precioso de sua natureza é proporcional à sua distância desta região. (ARISTÓTELES, 2014, p.48)

Neste ponto, é importante destacar que Aristóteles ao demonstrar que, no mundo sublunar, alguns elementos possuem peso enquanto outros possuem leveza, abre mão do princípio de que o movimento contrário à natureza de um elemento é natural em relação a outro elemento. Ou seja, se um elemento se move em direção ao centro da Terra ou lá repousa contra sua natureza, existe obrigatoriamente, admitindo uma noção de lugar e não de espaço (sentido de vazio), outro elemento que para lá se move ou repousa naturalmente.

Isso se explica porque alguns elementos têm peso (aqueles que, precisamente, se movem em direção ao centro da Terra ou lá repousam naturalmente) enquanto outros têm leveza (aqueles que, por sua vez, se movem em direção ao centro da Terra ou lá repousam contra sua natureza).

Já em relação ao plano supralunar (lugar das coisas incorruptíveis), o movimento natural trata-se do circular, que não possui nem o leve ou pesado constituindo a sua natureza e, portanto, não tende nem a subir ou descer. É necessário então estabelecer um quinto elemento que possa justificar a natureza do movimento circular e preencher todo o “espaço” supralunar, o qual Aristóteles chamará de éter.

Concebendo que o corpo primário era algo distinto e além da terra e do fogo, do ar e da água, conferiram o nome éter à região mais elevada, tirando esse nome de sempre flui eternamente. Anaxágoras emprega mal a palavra ao empregar éter para fogo. (ARISTÓTELES, 2014, p.52)

Desta forma, todas as camadas que estruturam o mundo supralunar eram constituídas por um elemento imperceptível, e que Aristóteles chamou de éter ou quintessência. Assim, no mundo supralunar, o movimento natural é circular e não vertical.

Todos os corpos, cuja natureza se resume aos quatro elementos, movimentam-se de forma vertical, e todos aqueles constituídos pelo quinto elemento (éter) movimentam-se de forma circular.

Para os corpos que se localizam no mundo supralunar (celestes), o fato de possuírem um movimento circular (eterno) se deve ao fato de eles não estarem sujeitos à degeneração, à qual os corpos terrenos estão sujeitos por serem constituídos a partir dos quatro elementos. Desta forma, cada corpo ocupa o seu lugar natural, e quando um corpo está fora de seu lugar natural, então ele é dotado de um movimento, também natural, que o leva a ocupar o seu lugar natural.

Em linhas gerais podemos descrever, em Aristóteles, as características centrais de cada mundo, sublunar e supralunar, no que se refere aos elementos corpóreos a partir de suas qualidades, seu número, o lugar que cabe a cada um e a quantidade dos lugares da seguinte forma:

1. Cosmologia do mundo sublunar

- Divisão deste mundo em quatro esferas concêntricas, cada uma destas sendo o lugar natural de um dos quatro elementos fundamentais;
- Estes elementos (terra, água, ar, fogo) compõem a natureza de todos os corpos e se organizam levando em consideração a ordem do pesado ao leve;
- A Terra está imóvel (fixa) no centro do universo;
- Todos os corpos sofrem mudanças e, por isso, estão sujeitos à geração/corrupção;
- O movimento das coisas neste mundo é o natural vertical, levando em consideração a natureza elementar que compõe cada movimento;
- Já em relação ao movimento violento, este se dá quando o movimento do corpo não é natural, exemplo: o movimento de uma pedra que é jogada para cima, ou ainda o movimento de uma flecha.

2. Cosmologia do mundo supralunar

- O elemento que fundamentará a natureza deste lugar e dos corpos que aí estão será chamado por Aristóteles de éter, ou quintessência;
- Não há mudança dos corpos e, portanto, eles são imutáveis;
- Trata-se do lugar dos movimentos naturais circulares uma vez que são infinitos e diferentes da natureza das coisas sublunares;
- Os planetas, o Sol e a Lua, corpos celestes perfeitos e lisos, estão sobre esferas que giram em torno da Terra;
- As estrelas estão fixas sobre uma esfera que gira em torno da Terra e leva as esferas dos planetas no seu movimento;
- Não há espaço, enquanto lugar vazio, no mundo supralunar, uma vez que tudo é preenchido pelo éter, assim este “espaço” é finito.

A discussão a seguir traz em questão uma compreensão do Universo a partir século XVII, construída pelas concepções da nova física, que reduziu toda a ideia de movimento aristotélico à simples locomoção entre pontos num dado espaço geométrico indeterminado, todavia infinito. Se no Universo da cosmologia aristotélica a ideia de Forma fixava o lugar de cada coisa existente, agora, no universo de Henry More estendido indefinidamente e infinitamente, não há Forma nem finalidade fixada.

Espírito da natureza, espaço e Deus em Henry More

Henry More (1614 – 1687) foi um teólogo e filósofo com uma produção bibliográfica razoável e que escreveu sobre distintos pontos do pensamento humano, tratando de temas como Deus, universo e espaço; passando também pelo estudo de temas atualmente desprezados pela filosofia, como a ciência oculta da cabala. O que nos interessa no autor inglês são suas reflexões referentes à sua proposta cosmológica.

Antecipando um pouco essa reflexão, já podemos colocar como marca patente que o autor inglês irá estabelecer uma cosmologia na qual o universo é entendido como infinito e o mundo como indeterminado e finito. More também estabelecerá a separação conceitual de espaço e matéria, sendo que tal distinção servirá como aporte para a proposta da existência de espaço vazio no universo. Vamos então ao proposto. Um ponto de início razoável para a entrada no tema é a distinção proposta pelo autor inglês entre espírito e matéria, já que tal

diferenciação será uma marca importante na descrição da proposta de espaço do filósofo em questão. Em *The immortality of the Soul*, ele assim define matéria e espírito:

Portanto vou definir um Espírito em geral: Uma substância penetrável e Indiscerpível. A forma de tal definição será melhor compreendida se desmembrarmos a Substância em geral em seus tipos iniciais, ou seja, Corpo e Espírito e, assim, definir Corpo. Uma substância impenetrável e discerpível. Daí o tipo contrário disto é adequadamente definido, uma Substância penetrável e indiscerpível.¹ (MORE, 1662, Livro I, Cap. III. p. 21, tradução nossa).

Para More, existiriam dois tipos de substância, a material (matéria) e a imaterial (espírito). O ponto de distinção entre matéria e espírito será quanto à sua penetrabilidade e discerpibilidade. Por penetrabilidade pode-se entender a capacidade de que suas partes penetrem umas às outras, capacidade esta facilmente compreendida quando se imagina um espírito ocupando um corpo. Na concepção de More, como vimos no trecho citado acima, as substâncias imateriais teriam a característica de serem penetráveis. O melhor exemplo de substância imaterial seria o próprio Deus, que teria, dentre outros atributos, a capacidade de tudo penetrar. Já as substâncias materiais possuiriam a característica da impenetrabilidade, isto é, elas não poderiam penetrar outras coisas. Para que tal asserção faça sentido, basta imaginar a célebre frase de que dois corpos nunca ocupam o mesmo lugar no espaço ao mesmo tempo – respeitadas as devidas diferenças históricas e conceituais que envolvem tal máxima da física moderna, ou seja, substâncias materiais não possuem penetrabilidade.

A tentativa de More de determinar a diferença entre substâncias corpóreas e incorpóreas mediante sua impenetrabilidade e penetrabilidade, respectivamente, pode servir para apresentar um de seus principais conceitos cosmológicos, o conceito de *espírito da natureza*. More define tal coisa do seguinte modo:

Portanto, de acordo com a noção que tenho, o Espírito da Natureza é uma substância incorpórea, mas sem Consciência e Crítica, que permeia toda a matéria do universo exercendo um poder plástico de acordo com as diversas predisposições das partes que afeta, orientando as partes da matéria e seus movimentos e produzindo fenômenos no mundo que não podem ser explicados

¹ I will define therefore *a Spirit* in generall thus: *A substance penetrable and Indiscerpible*. The fitness of which definition will be better understood if we divide *Substance* in generall into these first Kindes, viz., *Body* and *Spirit* and then define *Body*. *A Substance impenetrable and discerpible*. Whence the contrary Kind to this is fitly defined, *A Substance penetrable and indiscerpible*.

por meros poderes mecânicos.² (MORE, 1662, Livro III, Cap. XII. p. 193, tradução nossa).

O espírito da natureza será fundamental no universo de More. O movimento dos corpos que não podem ser explicados por leis puramente mecânicas e a própria coesão dos corpos é garantida por tal força. Diferente do que propõe Aristóteles, os corpos não seriam possuidores de uma força natural própria, apenas o espírito a possuiria. Tal substância espiritual preencheria a matéria e faria com que a mesma se comportasse como se comporta e se constituísse como se constitui. Com tal proposta, More consegue elaborar uma explicação para o movimento de corpos que não são passíveis de serem explicados apenas pelas forças da mecânica.

Como afirmando anteriormente, o filósofo inglês irá diferenciar as substâncias imateriais das materiais não apenas a partir de sua penetrabilidade ou impenetrabilidade, mas também por sua discernibilidade ou indiscernibilidade. Sobre a discernibilidade More afirmará: “Eu entendo *Discernibilidade* por *Divisibilidade Atual*, desmembrar ou destacar uma parte de outra.”³ (MORE, 1662, p. 19, tradução nossa). As substâncias materiais são discerníveis, isto é, são passíveis de terem suas partes destacadas umas das outras. More afirma que “(...) a própria noção de substância incorpórea serve para contrapor a uma substância corpórea, nela está incluída, necessariamente, a noção de que suas partes são forte e inseparavelmente unidas, isto é, ela é indiscernível.”⁴ (MORE, 1662, p.22, tradução nossa). Sendo assim, reiteramos as diferenças essenciais entre substâncias materiais e imateriais, quais sejam: substâncias materiais são impenetráveis e discerníveis e substâncias imateriais são penetráveis e indiscerníveis.

More achará importante ressaltar que a natureza de um espírito é tão facilmente concebível quanto a natureza da matéria e com isso nos apresenta também algumas outras importantes características de sua ideia de um espírito, “(...) de minha parte considero que a natureza do espírito é tão concebível e fácil de ser definida como a natureza de qualquer

² *The Spirit of Nature* therefore, according to that notion I have of it, is, *A substance incorporeal, but without Sense and Animadversion, pervading the whole Matter of the Universe, and exercising a Plastically power there in according to the sundry predispositions; and occasions in the parts it works upon, raising such Phaenomena in the World, by directing the parts of the Matter and their Motion, as cannot be resolved into mere Mechanical powers.*

³ By *Actual Divisibility* I understand *Discernibility*, grofs tearing or cutting one part from another.

⁴ “(...) the proper Notion of a Substance *Incorporeal* sully counter-distinct to a *corporeal Substance*, necessarily including in it so strong and indissoluble union of parts, that it is utterly *Indiscernible*.

outra coisa.”⁵ (MORE, 1655, p. 16, tradução nossa). E no caminho de sua tentativa de elucidação ele aponta importantes características do espírito como “(...) auto penetração, auto moção, auto contração e dilatação e individualidade, e essas são as que considero mais absolutas.”⁶ (idem). E continua, “E vou adicionar também o poder que tem em relação com a matéria, isto é, o poder de penetrá-la, movimentá-la e alterá-la.”⁷ (idem). Tais características – que haviam em grande parte sido apresentadas anteriormente – são elencadas por More de forma direta e sintetizada. O espírito é uma categoria distinta da matéria, ou melhor, ele possui características contrárias as de um “(...) corpo, que não pode ter suas partes penetradas por outro corpo, não é automotor, nem consegue contrair ou dilatar a si próprio; pode ser dividido e ter uma parte sua separada da outra.”⁸ (MORE, 1655, p. 16 – 17, tradução nossa). Segundo tal tendência, temos que “(...) as partes de um espírito não podem ser separadas; mesmo que possa ser dilatado, pois você pode cortar os raios de sol com um par de tesouras feito de com cristal transparente.”⁹ (MORE, 1655, p. 17, tradução nossa).

Tal passagem da obra de More, além de ser bem elucidativa, nos oferece o aporte para apresentar algumas de suas reflexões. De início temos a vazão para afirmar que o espírito não pertence a este plano de existência, pois, como se percebe, suas características não coadunam com aquelas encontradas no mundo dos corpos materiais. Outra importante conclusão é a de que o espírito será superior ao corpo em termos de perfeição, sendo inclusive mais propício que se institua o espírito como dotado de maiores possibilidades de ser considerado um atributo daquilo que é absolutamente perfeito: “(...) espírito é uma noção mais perfeita que o corpo, portanto, está mais apto do que o corpo a ser um atributo do que é absolutamente perfeito.”¹⁰ (MORE, 1662, p. 17, tradução nossa).

Uma vez que esta distinção entre espírito e matéria foi efetuada a independência do espaço é demonstrada. Que ele é um e simples é claro pelo fato de o espaço não ter partes. Ele é homogêneo. Que ele é imóvel é derivado de sua

⁵ (...) for mine own part I think the *nature* of a *spirit* is as conceivable, and easy to be defined as the nature of any thing else.

⁶ (...) *Self-penetration, Self-motion, Self-contraction and Dilatations and Individuability*; and these are those that I reckon more absolute

⁷ I will adde also what has relation to another, and that is the power of *Penetrating, Moving, and Altering the Matter*

⁸ (...) body, whose parts cannot *penetrate* one another, is not *Self-moveable*, nor can *contract* nor *dilate* itself, is *divisible* and *separable* one part from another.

⁹ (...) the parts of a *spirit* can be no more separated; though they be dilated, then you can cut of the *Rayes* of the *Sunne* by a paire of Scissors made of pellucid Crystall.

¹⁰ (...) spirit is a notion of more perfection then a body and therefore the more fit to be an Attribute of what is absolutely perfect then a Body is.

simplicidade. Lembre-se, para More o movimento tem de ocorrer no interior de algum meio. Se o espaço como unidade pudesse se mover, seria necessário que se movesse *em* alguma coisa, mas uma vez que não existe meio “fora” do espaço, porque o espaço é infinito, segue-se que o espaço como uma unidade completa não pode se mover. Mas, mesmo dentro de si, o espaço não pode se mover. Pois, para que pudesse se mover internamente, ele precisaria ter partes móveis, entretanto, uma vez que o espaço é simples, isto não pode ocorrer.¹¹ (BOYLAN, 1980, p. 400, tradução nossa).

Algumas importantes características do espaço são apresentadas, como ser simples, homogêneo e imóvel. Tais características podem ser facilmente derivadas do fato de o espaço ser um tipo de entidade espiritual – e assim, é indiscerpível e penetrável. Se não pode ser separado em partes, então é simples; se é simples e indiscerpível, então é homogêneo; e é imóvel, já que, para se mover, seria necessário que se movesse em algo, todavia, não há algo no qual ele pudesse se mover. Como foi afirmado na citação anterior, não há algo fora do espaço. A proposta de More coloca o espaço em um lugar de destaque por ser o palco no qual a matéria se estabelece, a matéria acaba tendo dependência do espaço, já que, para que a matéria seja, é necessário que ela seja em algum lugar, é necessário que ela seja em algum espaço.

A importância da noção de espaço ganha ainda mais importância no momento em que sua extensão se torna o equivalente divino máximo, isto é, Deus. Em More, o espaço, dotado de uma série de características, será colocado como sinônimo de Deus, isto é, ele corresponderá ao divino. Daqui, More irá enumerar 20 adjetivos atribuídos a Deus, mas que convém de serem atribuídos à extensão infinita do espaço:

Uno, simples, imóvel, eterno, independente, existente em si mesmo, incorruptível, necessário, imenso, incriado, incircunscrito, incompreensível, onipresente, incorpóreo, tudo penetrante, todo abrangente, ser essencial, ser real e atualidade pura. Estes são pelo menos 20 títulos que se encaixam nas características divinas e também na ideia de lugar infinito (locus).¹² (MORE apud BOYLAN, 1980, p. 400, tradução nossa).

¹¹ Once this distinction has been made, space's independence is demonstrated. That it is one and simple is clear because space has no parts. It is homogeneous. That it is immobile can be derived from its simplicity. Remember, movement has to occur within some medium for More. If space as a unit could move, it would be necessary. For it to move *in* something, but since there is no medium "outside" space, because space is infinite, it follows that space as a whole entity cannot move. But even within itself, space cannot move. For in order to move internally it would require moving parts, but since space is simple this cannot occur.

¹² One, simple, immobile, eternal, complete, independent, existing in itself, incorruptible, necessary, immense, uncreated, uncircumscribed, incomprehensible, omnipresent, incorporeal, all-penetrating, all-embracing, essential being, actual being, and pure actuality. There are at least twenty titles which fit the Diven Numen and exactly fit this infinite place (locus).

Como foi visto, a proposta cosmológica de More concebe o espaço como infinito e como coincidente com Deus. Isto é demonstrado pelo modo como os adjetivos dados à extensão são constantemente os mesmos atributos a Deus. O mundo de More é indeterminado, todavia finito. Já o espaço é infinito e nele toda a matéria foi criada, o pano de fundo no qual as coisas acontecem é este espaço infinito, absoluto, eterno e uno. Distinções como substância material e imaterial, matéria e espaço e a definição de conceitos como o de espírito da natureza compõem o enredo da proposta cosmológica de More.

Conclusão

As propostas elaboradas no presente artigo são historicamente importantes para o estudo das noções de universo que, por sua vez, estabeleceram critérios para a compreensão da ciência moderna. A noção de universo proposta por Aristóteles se manteve como referencial de cosmologia durante séculos, todavia veio sendo substituída por outras noções menos especulativas que paulatinamente a substituíram por completo e formaram o que hoje se conhece como as propostas astronômicas científicas mais importantes e que permitem ao homem desbravar os confins do universo para além da observação e cognição. As teses de Henry More possuem uma importância em tal meio, já que foi ele quem primeiro elaborou uma cosmologia que compreende o espaço para além de um universo finito, além de antecipar, mesmo que a partir de especulações teológicas, uma proposta que afirma a existência de forças “naturais” que determinam o modo como os corpos se constituem e se comportam no universo. A importância de ambos os pensadores está assegurada, já que tais discussões ainda suscitam, no exercício da reflexão, um voltar-se mais atento para a existência ou não de algum limite do cosmos.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 348.
- ARISTÓTELES. *Do céu*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2014. p. 43-74.
- BOYLAN, Michael. Henry More's Space and the Spirit of Nature. *Journal of the History of Philosophy*. Chicago, Vol. 18, Nº 4. p. 395 – 405, outubro 1980.
<https://doi.org/10.1353/hph.2008.0052>

MORE, Henry. *An Antidote Against Atheisme, or, Appeal to the Natural Faculties of the Minde of Man, whether there be not a God*, 2^a ed. Cambridge: William Morden Book-feller, 1655.

_____. *Divine Dialogues*, 2^a ed. Londres: Joseph Downing, 1713.

_____. *The Imortality of the Soul*, 2^a ed. Londres: William Morden Book-feller, 1662.

Data de registro: 06/11/2017

Data de aceite: 13/03/2018